

APRESENTAÇÃO

CAMINHOS MÚLTIPLOS PARA A LEITURA LITERÁRIA: ESCOLA, FAMÍLIA E SOCIEDADE

ELAINE CRISTINA PRADO DOS SANTOS*

VALÉRIA BUSSOLA MARTINS**

“O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isto os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos” (Rubem Alves).

Da Antiguidade até o início do século XIX, predominou no ambiente escolar um processo de ensino-aprendizagem em que o aluno era um ser predominantemente passivo. Aprender envolvia, na maior parte das vezes, memorizar. Segundo Zilberman e Rösing (2009, p. 71), é “o que se observa, por exemplo, no modelo de bom aluno repetidor, cuja competência mais valorizada é dizer aquilo que o livro didático ou o professor já disse: quanto mais literal a repetição, melhor”.

A aprendizagem da leitura passava pelo mesmo exercício mecânico, já que ela, constantemente, reduzia-se à repetição do que era ouvido ou à memorização de textos.

* Professora no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). *E-mail*: elainecristina.santos@mackenzie.br

** Professora no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). *E-mail*: valeria.martins@mackenzie.br

O método de aprendizado da leitura era sempre o mesmo: advindo de textos já conhecidos de cor pelos alunos, de modo que algo já aprendido oralmente com a família ou com a Igreja era, com orientação do professor, dividido em palavras pelos alunos, que deveriam escrever as letras e pronunciar as sílabas. O processo da leitura consistia em soletrar as letras para que se falassem as sílabas (p-a, pa), e então a palavra (Pa-ter, Pater). O jovem leitor ligava os sinais identificados na página ao texto que ele já sabia de cor (Pater Noster, qui es). Quando as crianças conseguiam ler sílabas, podiam ir diretamente para os textos de preces (Dauster; Ferreira, 2010, p. 23).

No Brasil, mesmo após o fim da Educação Básica, algumas pessoas acabam por não desenvolver o apego ao exercício da leitura, que é, indiscutivelmente, um instrumento de exercício da cidadania. Além do desapego, por conta, às vezes, de ausência de sensibilização, de contextualização, de ludicidade e de incentivos nas propostas de leitura por parte de certos professores, os estudantes, com frequência, desenvolvem ojeriza pela prática da leitura, principalmente quando se trata dos cânones literários, *a priori*, mal trabalhados e mais distantes do universo do adolescente brasileiro. Lajolo (2008, p. 12) comenta essa realidade ao expor que:

O problema é que os rituais de iniciação propostos aos neófitos não parecem agradar: o texto literário, objeto do zelo e do culto, razão de ser do templo, é um objeto nem sempre discreto, mas sempre incômodo, desinteresse e enfado dos fiéis – infidelíssimos, aliás – que não pediram para ali estar. Talvez venha desse desencontro de expectativas que a linguagem pela qual se costuma falar do ensino de literatura destile o amargor e o desencanto de prestação de contas, deveres, tarefas e obrigações.

Chartier (1998, p. 103) também trata do afastamento dos jovens da prática da leitura e explica que:

Encontramos ainda o discurso segundo o qual as classes mais jovens afastam-se da leitura. Sim, se concordamos implicitamente sobre o que deve ser a leitura. Aqueles que são considerados não-leitores leem, mas leem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima. O problema não é tanto o de considerar como não-leituras estas leituras selvagens que se ligam a objetos escritos de fraca legitimidade cultural, mas é o de tentar apoiar-se sobre essas práticas incontroladas e disseminadas para conduzir esses leitores, pela escola, mas também sem dúvida por múltiplas outras vias, a encontrar outras leituras. É preciso utilizar aquilo que a norma escolar rejeita

como um suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude, isto é, ao encontro de textos densos e mais capazes de transformar a visão do mundo, as maneiras de sentir e de pensar.

O processo da alfabetização e do ensino da leitura literária – que se inicia já na Educação Infantil e que, racionalmente, levaria ao letramento literário – deveria ser natural, como descreve Freire (2009, p. 15), ao tratar de sua infância e da importância de seus pais ao longo desse percurso:

E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra. A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz.

Em inúmeras situações, as leituras estão distantes do universo e da realidade infantil e juvenil, e a maior parte dos educandos chega, portanto, à vida adulta sem o hábito de ler. Para eles, a leitura envolve apenas uma obrigação e deixou de ser, há muito tempo, sinônimo de distração, prazer e lazer.

Daí a importância de um bom professor com uma consciente prática pedagógica. Existem meios, práticas e atividades que podem fazer com que o docente desenvolva melhor suas aulas de leitura literária. Tendo consciência de sua prática e refletindo diariamente sobre ela, o educador, provavelmente, atinge seus alunos com muito mais êxito.

É imprescindível, portanto, que o professor entre em contato com a realidade do aluno, saiba em que condições ele vive, do que ele gosta, o que faz sua família, quais são seus medos e suas aflições e assim por diante. O professor necessita conhecer o alcance de sua ação como mediador durante as leituras realizadas coletivamente com seus educandos e se perceba como alguém que auxilia o aluno no ato de ler, compreender e interpretar com maior profundidade os textos em estudo.

Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela (Lajolo, 2008, p. 8).

A leitura, durante as aulas de Língua Portuguesa, pode partir, por exemplo, de temas do dia a dia do aluno e não de assuntos que passam muito longe de sua realidade. A compreensão desses temas mais próximos seria mais simples e efetiva. Bakhtin (1999, p. 95) expõe que:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.

Entretanto, o que se constata, hoje, é que nem todos os professores têm essa visão mais ampla sobre a importância de partir da realidade do aluno, de iniciar os trabalhos com a leitura literária com obras que despertem mais a atenção do aluno. Além disso, alguns também optam, por comodidade, pelos materiais pré-fabricados pelas editoras que não se aprofundam na diversidade que envolve o mundo das crianças e dos adolescentes.

Não parece que o que fazer com o texto literário na sala de aula seja ainda de sua competência. Já faz alguns anos que decidir isso é da competência de editoras, livros didáticos e paradidáticos, muitos dos quais se afirmaram como quase monopolizadores do mercado escolar, na razão direta em que tiraram dos ombros dos professores a tarefa de preparar as aulas (Lajolo, 2008, p. 15).

O docente de Língua Portuguesa, se quer fazer brotar em seus alunos o verdadeiro gosto pela leitura literária, não pode restringir a verificação desta por meio dos encartes que compõem o livro. Assim como em todas as áreas profissionais, o professor teve de se modernizar e deixar de lado a velha cartilha, a infinita cópia de várias palavras, o caderno de caligrafia e os cansativos ditados com fonemas semelhantes. O mesmo precisa ocorrer nas aulas de leitura literária. É a partir de todas essas considerações que surgiu o dossiê “Leitura Literária: uma prática a ser cultivada”.

A primeira parte do dossiê apresenta textos que versam sobre os conceitos de literatura, fazendo uso de pressupostos teóricos da área de Letras e de outros campos, como a Psicologia.

O artigo “Três motivos para (não) ler literatura”, de Marcos Aparecido Pereira (Instituto Federal de Mato Grosso – IFMT), com um título que já

chama a atenção do leitor, além de propor reflexões sobre o fato de a leitura literária instigar pensamentos, sentimentos e emoções, demonstra a capacidade de a literatura atuar no subconsciente e potencializar processos de formação individual e social, levando o indivíduo a um estado de insatisfação com o senso comum, com o conformismo e com as verdades absolutas. É evidenciado que a experiência da leitura literária oferta facetas da existência, verdades e possibilidades dialógicas com o mundo.

No artigo “Leitura literária: estudos, reflexões e propostas”, de João Paulo Baldin (Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM), são apresentadas, de maneira muito didática e exitosa, contribuições da área da Psicologia para os processos de mediação da leitura literária. O texto oferece profícuas considerações sobre as experiências significativas que a literatura propicia. A reflexão central volta-se para o fato de a leitura literária desautomatizar percepções e interpretações, levando o leitor a participar de forma mais ativa durante o contato com as obras. Por fim, há uma discussão sobre como a literatura pode se tornar uma ferramenta de cultivar a empatia.

O artigo intitulado “Literatura: encontros entre a leitura literária e as narrativas da vida”, de Cláudia Gonçalves da Silva (Universidade Ibirapuera – Unib), traz ao leitor uma fundamentada reflexão sobre o conceito de literatura. O texto oferta múltiplas concepções para o termo literatura, fornece vários referenciais teóricos sobre a importância da leitura literária para a humanidade e destaca que ler obras literárias é reconhecer novos horizontes e aventurar-se em destinos autônomos.

O artigo “Leituras e Letras de proveito entre os séculos XVII e XVIII: o caso do padre Alexandre de Gusmão”, de Isabel Scremin da Silva (Universidade de São Paulo – USP), apresenta uma aprofundada investigação sobre a leitura literária aplicada a letras anteriores à Modernidade a partir de análises de escritos de Alexandre de Gusmão. Fala-se, didaticamente, sobre proveitos morais e espirituais, censuras e sobre o gênero cômico. Demonstra-se que estudar o passado leva a humanidade a compreender melhor o presente e a propor ações de leitura que busquem a autonomia do pensamento.

No artigo “A formação do sujeito-leitor no ensino de literatura”, de Jaciel Ribeiro Rodrigues (Universidade Estadual do Piauí – Uespi), é preconizada a importância do ensino de literatura para a formação do sujeito-leitor sob a perspectiva da Análise do Discurso. Salienta-se que, a partir da leitura de obras literárias, o leitor constrói um diálogo com a realidade e reflete a respeito de

temas do seu dia a dia, o que auxilia o processo de compreensão daquilo que leu, bem como propicia a relação com outras leituras.

A segunda parte do dossiê oferta aos leitores pesquisas, calcadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que buscam demonstrar a importância da leitura literária no ambiente escolar. Ademais, são apresentadas propostas pedagógicas que podem inspirar novos trabalhos desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

No artigo “Fazer-se leitor, fazer-se mediador: a leitura de literatura na escola”, de Camila Augusta Valcanover (Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM) e Juliana Aparecida Melo Almeida Mangussi (Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM), disserta-se sobre a dimensão da leitura literária em sala de aula de uma forma extremamente cuidadosa e, ao mesmo tempo, realista. Aponta-se, ainda, para o valor da figura do professor que, também sujeito-leitor, atento às demandas da sociedade e atualizado em relação aos processos educacionais, partilha suas ideias, sem imposição, conhece a fundo o livro que levará às turmas e valoriza as vivências dos seus educandos. O texto contribui para os estudos calcados em práticas docentes que buscam uma educação libertadora.

O artigo “Luzes e sombras: a narrativa visual de Suzy Lee na Educação Infantil”, de Marilya Mariany Carnaval (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP), apresenta uma rica experiência docente. O texto oferta ao leitor um caminho muito favorável para o trabalho com narrativas visuais na Educação Infantil. Os alunos da primeira etapa da educação brasileira são valorizados e, por isso, considera-se que é imprescindível que os educadores preparem atividades por meio das quais as crianças, como ouvintes ativos, aprenderão a fazer parte das rodas de histórias, entenderão a trajetória das narrativas e desenvolverão habilidades de leitura, compreensão e interpretação. Há uma aproximação entre teoria e prática extremamente fecunda.

O artigo “Os contos infantis e o letramento literário: intersecções e práticas pedagógicas possíveis no currículo municipal de São José dos Campos – SP”, de Yasmin Cristine Santos Renó Faria (Universidade de Taubaté – Unitau), veicula um recorte da dissertação de mestrado da autora que procurou investigar propostas de leitura literária nos anos iniciais do Ensino Fundamental, por meio da análise do Currículo de São José dos Campos, cidade do interior do estado de São Paulo. O leitor é levado a conscientizar-se da necessidade de um trabalho pedagógico consistente no que concerne ao oferecimento de literatura em sala de aula. A autora destaca que não se pode oferecer aos alunos,

mesmo às crianças da Educação Infantil, algo superficial por vê-los incapazes de compreender algo. É basilar dialogar e apresentar conhecimentos para que possam acessar as produções literárias.

No artigo “Mediação de leitura: o conto para além do espaço escolar”, de Janaína Vieira da Silva (Universidade Feevale), é retratada, de maneira muito detalhada, uma experiência docente, ocorrida em uma escola pública brasileira, a partir da qual discentes do 8º ano foram convidados a desenvolver leituras em seus lares. A pesquisa oferta aos leitores uma proposta pedagógica inspiradora e com um profundo valor social. Ao final do texto, fica evidente que a mediação do professor é indispensável. Os resultados da pesquisa demonstram grandes potencialidades em relação ao protagonismo estudantil. Os estudantes que participaram da proposta se sentiram motivados a ler para os familiares e perceberam que a leitura mediada propiciou momentos de aproximação e diversão com a família.

O artigo “A formação do leitor literário: método criativo no Ensino Fundamental”, de Ana Carolina Borges de Agostini (Universidade Estadual Paulista – Unesp), relata uma experiência, calcada no método criativo, para as aulas de leitura literária, que ocorreu com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. A pesquisa, além de propor um caminho possível em busca da formação de leitores, almeja demonstrar a importância de trabalhos cuidadosamente planejados por docentes progressistas, preocupados, verdadeiramente, com a formação integral do alunado. Ademais, a pesquisa também coloca em cena a indispensabilidade da formação de professores leitores como condição para uma mudança estrutural nesse processo educacional.

No artigo “O texto poético no cultivo da leitura literária”, de Francisca Oliveira (Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa), são explicitados os benefícios de se trabalharem textos poéticos no ambiente escolar. Inicialmente, a pesquisa discorre sobre o fato de a leitura literária ser vista, por muitos educandos, como uma atividade obrigatória e maçante, o que normalmente afasta os estudantes dos livros e não forma, portanto, leitores. Na sequência, é ofertada aos leitores uma proposta pedagógica frutífera a partir da qual os alunos da Educação Básica podem ser convidados a explorar as nuances da linguagem e a construir significados próprios.

O artigo “Etarismo em perspectiva: uma análise da velhice no conto ‘Viagem a Petrópolis’, de Clarice Lispector”, de Janaina Santos Silva Soggia (Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM), traz ao leitor uma proposta

didático-metodológica para as aulas de Língua Portuguesa e Literatura do Ensino Médio que aproxima o Tema Contemporâneo Transversal “Processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso” a um conto da autora Clarice Lispector. Além de a temática ser muito próspera para o universo educacional, ainda evidencia o desenvolvimento de trabalhos calcados nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), adotados por 193 Estados-membros da Organização das Nações Unidas (ONU) desde 2015.

O artigo “Literatura e Estudos Culturais: um caminho possível para a sala de aula”, de Kely Xavier da Silva (Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM), Luan Vinícius Ramos de Aquino (Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM) e Selma Amaral de Freitas (Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM), descreve uma proposta didático-metodológica para as aulas de Língua Portuguesa e Literatura do Ensino Médio que busca levar pressupostos teóricos dos Estudos Literários e Culturais para a sala de aula. Após a análise do poema “Os estatutos do homem”, de Thiago de Mello, o texto oferece uma sequência de aulas que busca aprimorar as habilidades de leitura, compreensão e interpretação textual do alunado por meio de leitura compartilhada, escrita das impressões iniciais a respeito do poema em estudo, pesquisa sobre o autor e reflexões sobre questões linguísticas, discursivas e semânticas.

No artigo “‘A presença’, de Lygia Fagundes Telles, e *Muito além do inverno*, de Isabel Allende: o ensino de literatura em sala de aula e a BNCC”, de Laís Gerotto de Freitas Valentim (Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM) e Lorraine Martins dos Anjos (Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM), é evidenciada ao leitor a necessidade de se desenvolverem em ambiente escolar trabalhos voltados para a apresentação e análise de obras da literatura hispano-americana e de autoria feminina. Aponta-se que tal tipo de proposta auxilia fortemente no processo de formar cidadãos críticos do mundo, sem esquecer do aumento do repertório cultural e intelectual dos estudantes.

Por fim, o último texto aproxima o leitor do universo prisional. O artigo “O leitor privado de liberdade: análise da nota técnica que orienta a remição de pena pela leitura”, Giuliana Borges Roballo (Universidade Federal do Paraná – UFPR) oferece uma sólida análise sobre a Nota Técnica nº 1/2020/GAB-DEPEN/DEPEN/MJ, que apresenta orientações e recomendações para o desenvolvimento da remição de pena pela leitura no sistema prisional brasileiro. O texto estabelece uma lúcida relação entre a legislação e a realidade de vida das pessoas privadas de liberdade que, muitas vezes, tiveram pouco acesso à esfera educacional.

Com efeito, os textos selecionados para este Dossiê, que reúne artigos de pós-graduandos de diversas instituições de diferentes regiões do país, pretendem descortinar o cenário que envolve a leitura literária no Brasil. Talvez, por meio das ideias aqui apresentadas, novas propostas de trabalho com os textos literários surgirão e mais e mais alunos poderão compreender o real potencial da literatura na vida de todo cidadão. A leitura literária transforma o indivíduo e a sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. *A alegria de ensinar*. São Paulo: Papyrus, 2012.

BAKHTIN, M. V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999.

CHARTIER, R. *A aventura do livro do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1998.

DAUSTER, T.; FERREIRA, L. *Por que ler?* Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2008.

ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. *Escola e leitura: velha crise. Novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.